



3

Pela Route Garden à leste

A Route Garden é uma via, de cerca de 900 km, em sua maior parte orientada pela Rodovia N2. O nome é muito sugestivo, embora caminhando por ela, nem tenhamos visto propriamente jardins, mas várias áreas de vegetação natural que, como já destaquei, nem sempre é densa e, às vezes, não é toda verdinha. O Eliseu sugeriu que a rodovia deveria se chamar Route Park porque isso é que a denota, a existência de importantes reservas naturais ao longo dela.





Essas duas fotos são representativas da maior parte da vegetação que está ao longo da rodovia.

A partir de Port Elizabeth resolvemos fazer a Rota Jardim, na direção leste, quando registramos as fotos anteriores. No guia, havia referência a essas áreas como de savana, embora a fisionomia dessas paisagens fosse bem diferente de tudo que eu havia visto nos livros de Geografia, em que a savana aparecia com densidade arbustiva e arbórea quase nula.

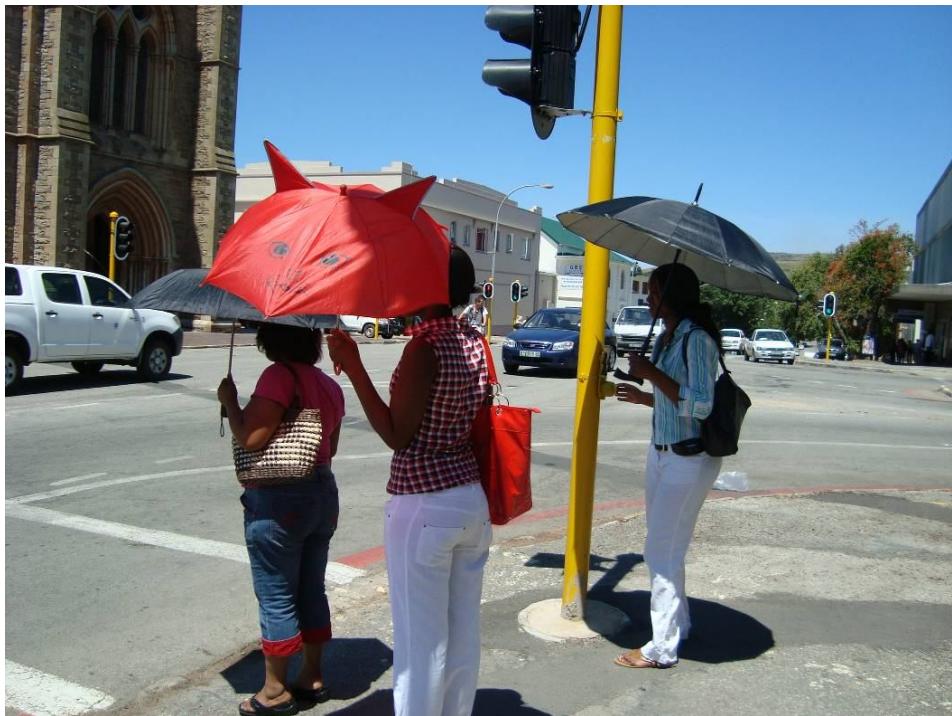
Neste trecho da Rota Jardim, conhecemos duas cidades: Grahamstown e Port Alfred.

Foi ótimo ter ido a essas duas cidades. No caso de Grahamstown, tivemos a sensação de estarmos numa típica cidade do interior da África do Sul (vai ver nem é *tipique* como diria nossa amiga Thereza Marini), mas o que nos agradou foi ver o movimento cotidiano de uma cidade que não tinha qualquer jeito de cidade turística, embora até estivesse listada no guia.

Grahamstown é uma cidade universitária e se vê muitos jovens circulando pelas ruas. Há algumas construções que nos chamaram atenção, mas o melhor mesmo foi ver o povo andando pelas ruas perto do meio dia. O calor era infernal (lemboram da definição não? Um nível acima do equatorial) e as mulheres usavam sombrinhas das mais coloridas possíveis. Havia muita gente vendendo de tudo na rua, principalmente frutas. Duas pessoas nos abordaram pedindo dinheiro, então, ao contrário de Port Elizabeth, havia aqui pedintes. Não tinham a aparência dos mendigos que encontramos nas principais cidades do Brasil, ou seja, gente que anda suja, mal vestida e parece morar nas ruas. As duas pessoas que nos pediram dinheiro estavam vestidas como a maior parte dos que andava por ali.

O calor era de tal nível que, em 40 minutos, andamos uns 800 metros, pudemos circular pelos principais pontos de Grahamstown e já estávamos bufando. Pelas fotos, é possível se ter uma noção da cidade, antes de eu entrar no relato do melhor que tivemos nela.





As duas cenas acima são bem ilustrativas do que vi nas ruas de Grahamstown.. Eu sei que eu falei da beleza da mulher zulu, mas deu para notar que a comida sulafricana popular deve ser calórica, porque à meia idade, elas ficam como as senhoras da segunda foto. Reparem no modelito da sombrinha vermelha. As fotos seguintes são das principais edificações da cidade, segundo o guia: à esquerda, a Cathedral of St Michael et St George, que é anglicana, e à direita, a Methodist Church



O prédio da City Hall é imponente (veja ao lado) e as edificações, nas fotos seguintes, nos lembraram o que conhecemos nas cidades no extremo sul da Espanha perto de Gibraltar, onde a influência árabe é notável.



A entrada da Universidade, na foto seguinte, é indicada como um ponto alto de Grahamstown

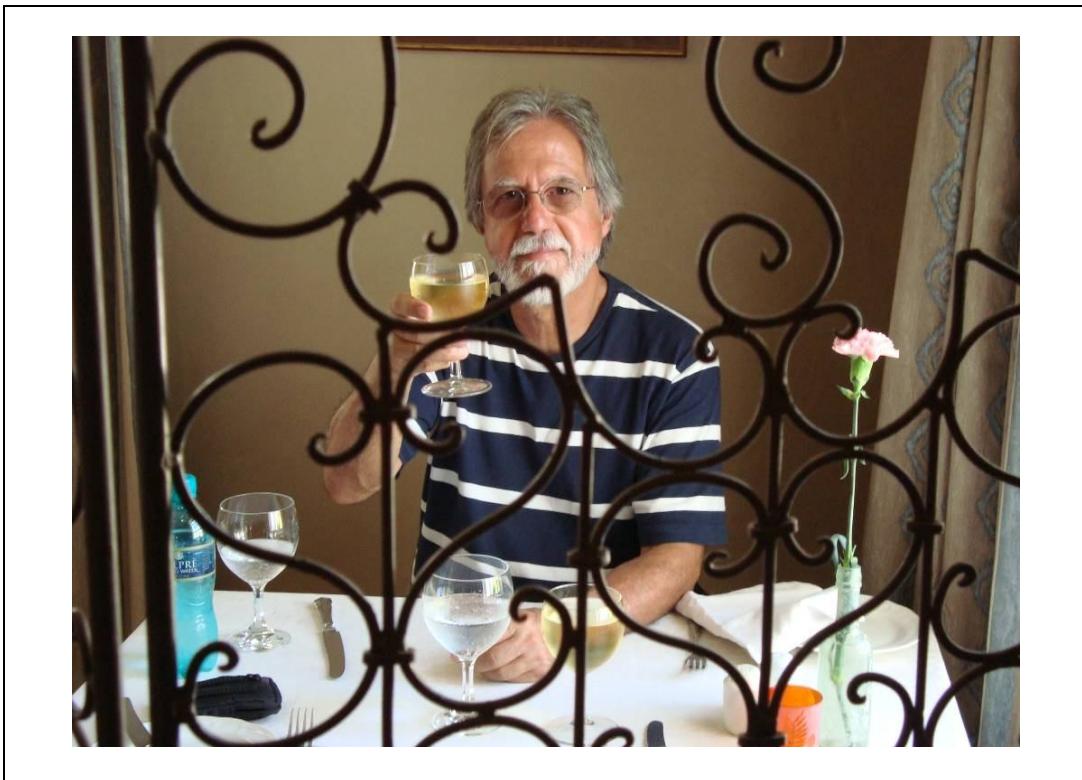


O melhor de Grahamstown, no entanto, estava por vir e se escondia discretamente nessa construção da próxima foto, que está situada na Market Street.



Aí ficava o restaurante The Cock House. Ele aparecia indicado no guia como um dos melhores da África do Sul, razão pela qual Mandela foi até lá (olha a foto dele, na página seguinte, entre os donos do estabelecimento). O calor era intenso e naquela cidade “de interior”, numa rua pouco movimentada, não havendo nenhum carro na frente era pouco provável que o restaurante estivesse aberto, num dia de semana, ou que fosse tão especial assim, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Estava aberto e só estávamos nós dois em todo o restô, que tinha algumas salas, no térreo da construção que também servia de hotel, no andar superior. Sentamo-nos numa mesa no canto, onde o vento que entrava pela janela parecia um bafo quente, lembrando aqueles filmes dos anos de 1960, em que americanos estavam na África. Já reparam que nestes filmes sempre há os ventiladores de teto girando lentamente? Pois é, no The Cock House havia a mesma coisa.





Fizemos nossas escolhas e aguardamos os pratos, tomando uma taça de vinho branco bem gelado e olhando para o “quintal” da casa.

Foi tudo rápido, nada parecido aos restaurantes badalados, em que a espera é grande o que faz aumentar nossa fome e disposição para apreciar o prato. No entanto, quando a comida chegou, foi como se ela tivesse sido escolhida há meses, e preparada há dias, como no filme “Festa de Babete”.

Eliseu começou com uma massa: três grandes raviólis com couve bem picadinha em volta dele> Parece estranho, mas estava lindo e gostoso. Eu me iniciei naquela deliciosa cozinha, com uma salada que estava muito boa. Como uma salada pode ser tão melhor que outras tantas saladas que comemos na vida? Essa estava e olha que eu gosto de saladas e achava que já tinha experimentado muitas variedades. Essa vinha com umas torradinhas pequenas que tinham ido ao forno com cebola vermelha bem cortadinha e um pouco de *cheese* em cima (tipo o nosso Philadelphia) .

Em seguida, os pratos principais. Eliseu recebeu um maravilhoso carré de carneiro, o que nos fez lembrar o jantar que Silvana nos ofereceu de bota fora, antes de sairmos de viagem, embora o modo de preparo fosse diferente. Eu havia pedido um peixe que veio maravilhosamente adornado no prato e deliciosamente preparado. Ele estava empanado com uma farinha muito fina que vinha misturada à pimenta do reino – Sensacional!!!! Foi preciso pedir mais uma taça de vinho bem gelada para cada um. Para que sobremesa? O melhor de tudo foi a conta modesta, um pouco menos que 80 reais para duas pessoas.



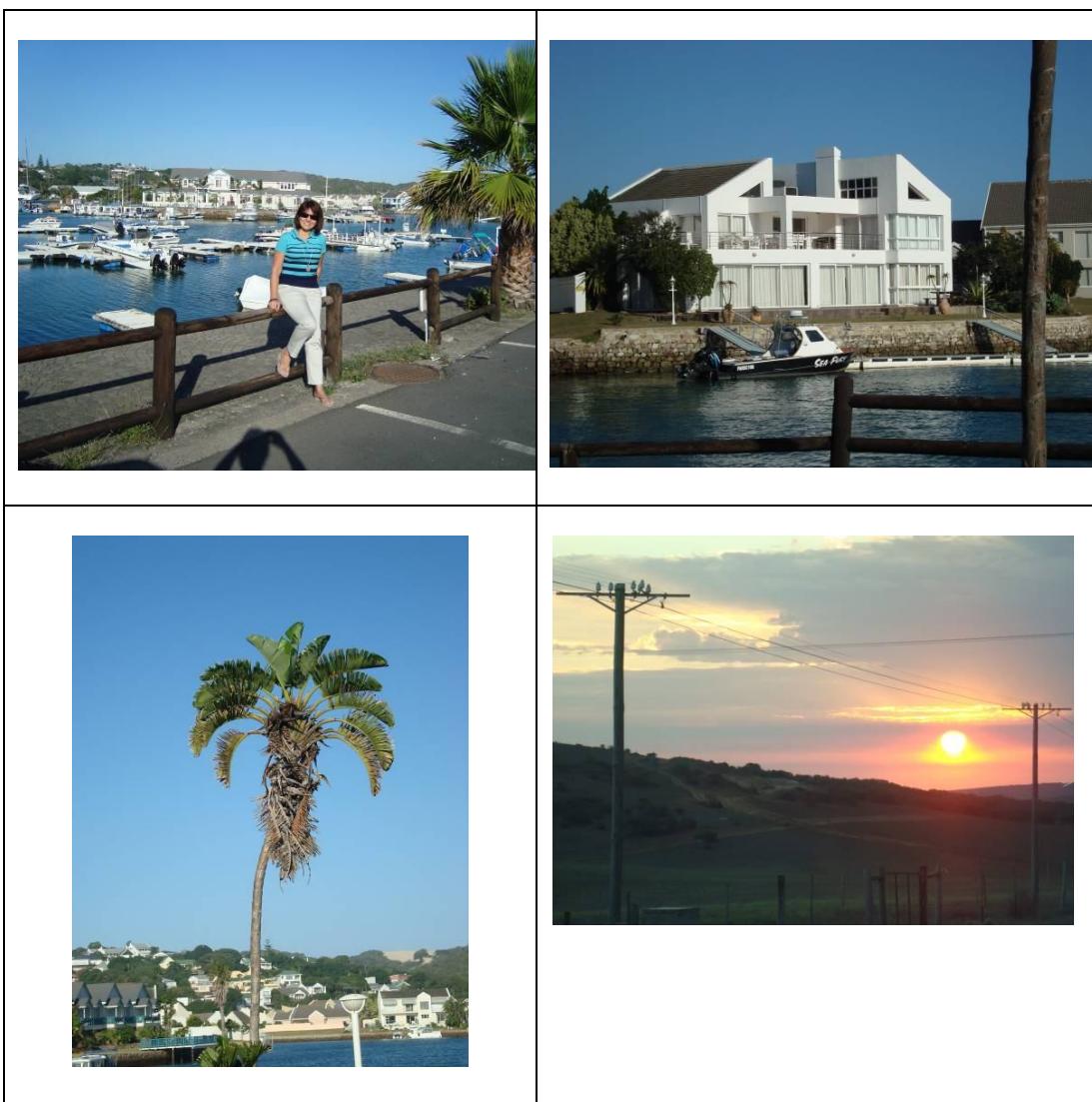
Depois dessa maravilha, fomos até o Jardim Botânico da cidade, para encostar o carro numa sombra e tirar uma soneca de 20 minutos, porque ninguém é de ferro!!!

Aproveitamos o final da tarde para conhecer Port Alfred que, na parte leste da Garden Route, é um balneário recomendado. A rodovia de acesso era secundária e fomos observando uma vegetação um pouco mais densa, embora não frondosa propriamente. Ao chegarmos à cidadezinha, fomos logo até o mar, para colocar os pés nas areias do Oceano Índico (nem lembramos desse detalhe em Port Elizabeth, onde já estamos diante do Índico).



Em Port Alfred, a desembocadura de um pequeno rio forma um conjunto de vias aquáticas, que possibilitam o acesso ao mar. Este espaço é muito interessante para a navegação e a pesca de pequeno porte, bem como maravilhoso do ponto de vista

paisagístico, razão pela qual foi tomado por um empreendimento fechado: os moradores têm acesso às casas pela parte detrás delas (garagem), após passarem pela guarita de controle da entrada. As frentes das casas dão para as pequenas rias, onde os barcos e lanchas estão atracados. Conversando com a garçonete, que nos serviu um refrigerante em frente a esse espaço (ela nos perguntou de onde vínhamos e quando dissemos que era do Brasil, ela fez questão de frisar que não era da África do Sul e tinha vindo do Zimbabwe). Como dizia, essa garçonete nos informou que, em sua maioria, eram casas de veraneio e só eram ocupadas no período de férias. O começo de fevereiro não é, então, um período de férias neste país.



Após ficarmos observando o *aménagement* da área residencial fechada de Port Alfred, retornamos à Port Elizabeth, e o por do sol na rodovia era mesmo maravilhoso.

